



# MEMÓRIAS

do



# confinamento

letras  
em atos

grupo  
de literatura

Realização:

# letras em atos

grupo  
de literatura

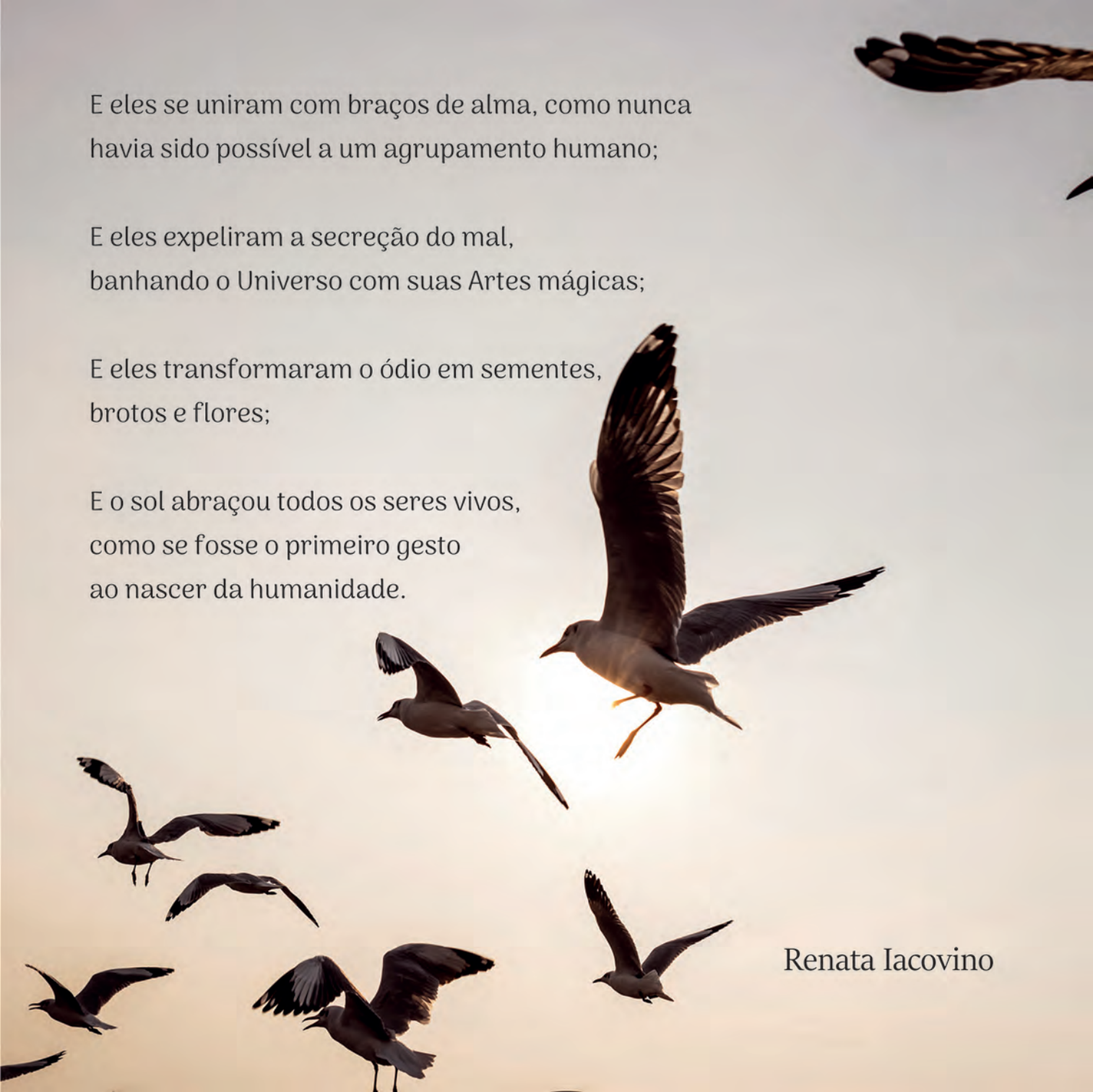


E eles se uniram com braços de alma, como nunca  
havia sido possível a um agrupamento humano;

E eles expeliram a secreção do mal,  
banhando o Universo com suas Artes mágicas;

E eles transformaram o ódio em sementes,  
brotos e flores;

E o sol abraçou todos os seres vivos,  
como se fosse o primeiro gesto  
ao nascer da humanidade.



Renata Iacovino

# Apresentação

Josyanne Rita de Arruda Franco

*“A vida humana – na verdade, toda a vida –  
é poesia. Nós a vivemos inconscientemente,  
dia a dia, fragmento a fragmento, mas,  
na sua totalidade inviolável, ela nos vive.”*

**Lou Andreas-Salomé**

A inquietude é algo natural ao ser humano, que sempre está questionando a vida e todas as coisas que fazem parte do viver. Filósofos, poetas, ensaístas, artistas e tantos outros estudiosos e pessoas comuns encontraram diferentes maneiras de expressar tais desassossegos e apreensões ao longo de séculos e séculos. A vida é um sistema de movimento perpétuo enquanto se caminha no mundo, e cada acometimento pessoal ou coletivo sempre promoverá reflexões.

É no contexto das ideias que encontramos lugar no mundo, seja ele externo ou interno. Imaginação, criatividade, abstração, fantasia e senso de realidade são algumas ferramentas que podem ajudar a estabelecer e aprimorar nossa relação com os outros e com nosso universo íntimo.

A arte sempre traz a assinatura do seu tempo, demonstrando costumes, hábitos, maneiras de pensar e agir. Exatamente por isso estamos vivendo uma realidade complexa e desafiadora que nos provoca a conceber novas estratégias para um novo tempo. É momento de lembrar também da arte.

O que faz de cada um de nós os seres singulares que somos? A resposta sempre será individual. No entanto, há uma parte de nós que conversa com os outros e, de maneira diversa e particular, estabelece interação. Assim, o isolamento social que obrigou o planeta a se enclausurar no recinto privado da mais absoluta intimidade – o lar – trouxe consigo proposta de



manter a comunicação utilizando os meios que a vida contemporânea felizmente oferece: tecnologia a serviço da não solidão.

O isolamento e a solidão não são a mesma coisa, mas podem conversar. Para atenuar um pouco os dias de confinamento e afastar a sensação de desamparo é preciso oferecer algo também para os outros, lembrando-nos que fazemos parte de um todo temporariamente fragmentado que pode se reconstruir. Solidariedade, cuidado, proteção, respeito às diferenças e nutrição aos que mais precisam são empenhos necessários para manter a sociedade amparada e abreviar o isolamento.

Portanto, um grupo de amigos que se dedica às artes resolveu produzir um livro virtual para oferecer aos leitores, convidou algumas pessoas dispostas a fazer parte da empreitada e assim nasceu *Memórias do Confinamento*.

A presente obra tenta distrair os pensamentos sombrios que nos assolam sem nos afastar da indisfarçável realidade, oferecendo variado estilo da produção literária de artistas que se preocuparam em compartilhar alegria com criatividade.

Convidamos o leitor a participar conosco dessa chama, que resultou em onírica viagem no livro que se oferece como refrigerio salutar para os dias nublados de incertezas. E, voltando a citar Lou Andreas-Salomé, “(...) Ouse, ouse tudo! Seja na vida o que você é, aconteça o que acontecer. Não defenda nenhum princípio, mas algo de bem mais maravilhoso: algo que está em nós e que queima como o fogo da vida!!”

Vamos nutrir com beleza a nossa alma!



# Prefácio

José Felício Ribeiro De Cezare

Mais um processo se inicia e tudo segue seu caminho na impermanência, na transformação. Entre a ação e a não-ação a mudança chega, se impõe e apresenta a todos nós um novo modo de trazer à luz tudo que estava nos recônditos de cada um, nos recônditos daquilo que chamamos de nós.

As mentiras, as vaidades, os egos, os orgulhos, as maldades e tantos outros atributos não virtuosos serão transmutados. O espaço para a compaixão, acuidade, amor, solidariedade, paciência e respeito está preparado, é um período auspicioso para rever o que se quer mudar, substituir, transformar.

Guerras, doenças, ignorância poderão ficar para trás, o mundo é perfeito de acordo com a necessidade de cada período, como mantenedor das consequências que precisam, até certo ponto, ou não, serem vivenciadas.

Aos que hoje vivem, o confinamento se faz presente. Para muitos a fome, a dor, a miséria, a guerra se impõem como confinamento, e terão em nós alento e um abraço amigo. Ter a oportunidade de escrever e trazer ao mundo um trabalho como esse é deveras, um enorme e gratificante privilégio.





As palavras que aqui se encontram, sejam em versos, crônicas e contos, buscam elevar a mente, o corpo e a alma. Para quem ler, que possa se sentir bem e feliz em meio a um momento tão tenso, mas que inerentemente cabe a nós vivenciá-lo, caso contrário, não estaríamos aqui.

A ideia do escritor Márcio Martelli, junto com o grupo *Letras em Atos*, em oferecer este trabalho no formato e-book e de maneira gratuita é um ato de generosidade reservado aos mais nobres espíritos desse mundo. Neste livro, apresentam-se nossas humildes palavras sobre esse momento, sobre essa crise.

Agradecemos a oportunidade de participar deste trabalho, de levarmos aos outros nossas percepções, nosso pensar, nossos sentimentos, nossos distantes abraços, nossos corações próximos. Que a dor da perda e da saudade se faça menor ao ler este livro, que o amor e a paz possam ser sentidos em cada canto onde houver vida através destas páginas, onde houver um coração precisando ser amado, que as nossas palavras cheguem com o amor que precisem.

Vamos seguindo pelo caminho vezes errante, vezes assertivo, mas vamos seguindo, desde que estejamos lado a lado.

# SUMÁRIO

Por ordem alfabética de autores

Ana Cláudia Rêgo	58
Ana Eulinda Marquesim Nóbrega	53
Aristides Almeida Rocha	15
André Argollo	77 / 79 / 81
Camila Fernandes de Freitas Rosalem	69
Carlos Thompson	49 / 50
Carmen Sílvia Pereira	86
Cláudia Alencar	71
Eliana Craveiro	75
Eliane Diana Nunes	82
Evandro Fernandes da Silva	20
Evelyn de Assis	55
Flavia Cunha	62 / 89
Ivanira de Souza Lima Dadalt	88
Ivonete Piccinato de Freitas	48
Jaqueline Reis	84
Jocely Rodrigues Nadal	78
Jorge Trigo	64
José Felício Ribeiro De Cezare	06 / 13 / 30 / 42 / 43
Josyanne Rita de Arruda Franco	04 / 39
Júlia Fernandes Heimann	51
Lígia Wild	63
Mara Lígia Biancardi	10 / 29 / 33 / 34 / 68 / 93
Márcia Oliveira	87
Márcio Martelli	09 / 12 / 14 / 25 / 38 / 44 / 45 / 46 / 47 / 92
Marcos Gimenes Salun	57
Maria Teresa Sponchiado	80
Renata Iacovino	11 / 31 / 32 / 56 / 61
Rosalie Gallo	21 / 35
Rosana Congílio	19
Susana Bueno de Souza	73
Tatiana D'Angieri Galvão	54
Thaty Marcondes	66



# Ainda não dei nome

Márcio Martelli

Tenho sonhos e ideias  
Sou um organismo vivo e pulsante  
à parte de tudo isso aqui

Ideais de luta e amizade  
igualdade que me aproxima  
de todos que me cercam

Sou palavra escrita  
Sou falada poesia  
Sou aquilo que pensou  
que não mais veria

Tristeza, alegria  
Mesa cheia, casa vazia  
Momentos que passam  
e que acabam... assim!

Porque viver é isso  
é seguir o fluxo do rio  
que vai direto ao mar

Assim como a vida  
que segue seu destino  
rumo ao seu lugar

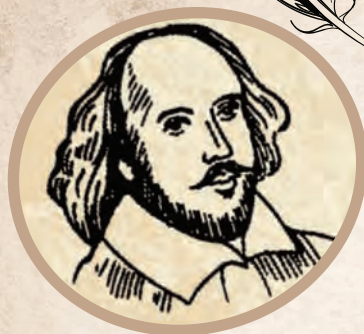
E quem faz esse lugar  
somos nós mesmos  
cada um com o seu agir

Que cada sonho se concretize  
pois a fé em cada desejo  
é muito maior se todos nós  
nos juntarmos em amor

Vamos viver um pouco por dia  
Até o amanhecer e agradecer  
pelo sol e pelo pão de cada dia.



# Um soneto de amigos em meio ao caos



Para você MM, com muito carinho!!

Amigo tão querido, não resista  
Receber esse mimo é um esmero  
Em meio ao caos planetário, não desista  
Que a poesia seja um bem, espero

Na dor, surgem joias raras, é vero  
Trabalhemos com nossa mente, insista  
Quanto ao nosso Shakespeare que venero  
Que ele inspire nossos versos de artista

Mas acredite que Otelo ficou  
Com muito ciúmes da poesia  
Hamlet, no entanto, quase caducou

Escreveu monólogos de histeria  
Mas ao final de tudo o que contou  
Foi o que cada um colheu no dia!

*Mara Ligia Biancardi*



# Sambinha em redondilha

Renata Iacovino

Eis aqui uma poesia  
Para não te deixar só  
Eu escrevo em redondilha  
Com uma rima de dar dó  
Nós, aqui, tão isolados  
Para não virarmos pó  
Não sermos infectados  
Na torneira damos nó.

Quando eu ouço o movimento  
Que se espalha pela rua  
Logo vem um sentimento  
Da impotência mais crua  
- Eu quero lua! -

Nós, humanos, egoístas  
Não cansamos de abusar  
Recebemos várias pistas  
Pro planeta respeitar  
Este mundo é tão incrível!  
Nossa Terra, nosso Lar,  
Mas o instinto destrutível  
Agora nos faz pensar!



# Felício

Meu caro amigo vim aqui pra te contar  
O que acontece na terra da uva e da garoa  
Tem um tal de vírus em nossas vidas a rondar  
E, pode crer, nem tudo está de boa

Aqui tem gente que ainda não entendeu  
E se arrisca a passear pelas vielas  
E tem quem enxergou tudo e se escondeu  
E observa tudo pelas frestas das janelas

Quero que entenda o meu suplício  
Nessas horas de eterna solidão  
Então, escrevo para o amigo Felício  
Compondo um samba meio canção

A sua resposta aguardo breve  
Nem precisa ser samba se não está à vontade  
Pode ser um manifesto que eleve  
A calma espiritual nesta longa tarde...

Mãrcio Martelli





# Na busca das palavras certas

José Felício Ribeiro De Cezare

Ah, meu nobre camarada Martelli  
São anos de mudanças e muita luta  
A sensação exuberante de Belle Époque  
Se foi, afastando todos de sua diária labuta

Não temas, mas não deixe de se preocupar  
Os cuidados estão aí, povos de longe a se unir  
Pelos que amamos vamos nos cuidar  
E assim, como no Velho Mundo não desistir

Esse pedido a mim foi um elogio  
Pela vida somos errantes solitários  
Não será um sacrifício perdido  
Por um bem maior seremos solidários

A cura talvez não apareça  
Mas meu espírito está forte  
Desde que a consciência vença  
Dessa vez não contaremos com a sorte

# Samba pra Josyanne

Márcio Martelli

Minha cara amiga como anda sua vida  
Com tanta preocupação a lhe sondar  
Queria poder dizer coisas lindas  
Mas os dias estão de amargar

É tanta coisa ao mesmo tempo acontecendo  
Que nem sei por onde começar  
Um tal de Corona apareceu interrompendo  
Velhos sonhos para se aventurar

Aqui não se sabe se devemos gritar ou chorar  
A crise que já estava preta e explodiu para pior  
Tem dia que nem a TV queremos olhar  
Mas se esconder de tudo não torna nada melhor

Resolvi então escrever essa poesia  
E entender o parecer da doutora Josyanne  
Se não puder responder, eu entenderia  
Que está em trabalho tentando contendo o enxame.



# Uma corbóveta na janela

Aristides Almeida Rocha

Hoje, sexta feira, 20 de março de 2020, acordei um pouco entediado. Afinal, já estamos cumprindo, Ivane e eu, oito dias de confinamento sob a severa vigilância de filhos e neta; todos como nós assustados com a pandemia do corona vírus. Muito natural e sábia essa decisão visando impedir a contaminação e propagação da moléstia. Afinal somos do grupo de altíssimo risco, pois somando nossos janeiros estamos ultrapassando os cento e sessenta anos.

Enfim, é difícil ficar em casa sem o cinema nos fins de semana, hábito que ultrapassa os cinquenta anos de nossa união; de sermos privados da incursão pelo nosso bairro, de manhã e à tarde, para saborear os cafezinhos, no *Sítio Verde*, no *Lá de Minas*, na *Nobel*, no *Grão Fino*; de não poder caminhar, sentar e papear com amigos no *Bosque da Padre Antonio*; de não frequentar a hidroterapia e ouvir nossa amiga Ana, a fisioterapeuta, preocupadíssima em corrigir nossas posturas; de estar ausente das sessões de RPG com o dedicado fisioterapeuta Pedro e, finalmente, de não poder jantar com o Ari, Alexandra e Manuela colocando o “papo em dia”.

Foi com esses pensamentos, aliados à preocupação com a situação e o tempo que essa reclusão deve perdurar, que ao levantar da cama e Ivane abrir a janela, deparei com



uma borboleta, de cor marrom clara, quase desbotado, imóvel, pousada na tela de proteção, mimetizando com perfeição uma folha seca.

Lembre-me imediatamente de um fato ocorrido há exatos sessenta e sete anos, quando, aos dezessete de idade, trabalhava no décimo terceiro andar de um edifício no centro da cidade de São Paulo. Após fotografar o inseto, meus pensamentos se dispersaram e quando, minutos depois, voltei para apreciar a minha modesta e não colorida borboleta, esta já havia batido asas com destino a outras plagas, talvez para usufruir do néctar das flores do jardim que circunda o prédio em que moramos.

À noite, após ter batido palmas, unidos num aplauso coletivo ao pessoal da área da saúde que se sacrifica arriscando suas vidas, neste momento crucial que vivenciamos, novamente a imagem da borboleta voltou a pairar em minhas lembranças. É que assistindo com Ivane o programa da TV, o *Mundo Visto de Cima*, viajando pela Serra da Canastra, repentinamente o narrador passou a discorrer e mostrar os encantos da *Cachoeira das Borboletas* e num *insight*, não tive mais dúvidas, e resolvi passar ao papel as lembranças do episódio acontecido na empresa em que trabalhava há um tempo em que a metrópole paulista ainda não albergava dois milhões de almas.

Embora minha função na empresa fosse escriturário, todos na companhia sabiam de meus pendores de naturalista e procuravam me apoiar; naquela altura meu sonho era ser biólogo. A sala de trabalho, com alto pé direito e janelas enormes, com escrivaninhas e prancha de desenho, situava-se no 13º andar do edifício da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro à Rua Líbero Badaró junto ao Largo de São Francisco.

Certa manhã, ao adentrar a sala para dar início ao expediente, quando nenhum colega ainda havia chegado, olhando através do vidro da janela observei o que



parecia ser uma folha seca junto ao parapeito. Ao abrir a janela e tentar pegar a “folha” qual não foi a surpresa uma vez que esta se moveu lentamente.

Na verdade, como visto, não era uma folha, mas sim uma borboleta, inseto lepidóptero, com asas marrom claras, mimetizando com perfeição uma folha seca, inclusive com as nervuras como se fosse um vegetal.

Delicadamente recolhi meu precioso achado; nesse momento, já assistido pelos colegas que foram chegando; Otávio, Ferreira, Bruno, Marina e a saudosa amiga Laís.

Os sinos da Igreja de São Francisco badalavam indicando oito horas da manhã, horário de entrada ao serviço, mas o chefe, o prezado amigo Paulo Rubano ainda não estava presente.

Com muito cuidado coloquei o inseto na gaveta de minha escrivaninha e, logo a seguir, a Laís, sempre positiva e entusiasmada, apareceu com uma pequena caixa de papelão, no tamanho exato para ser acondicionada e protegida na gaveta. Fiz alguns pequenos furos para ventilar, dispus um algodão úmido no fundo da caixa e comecei minhas tarefas do dia. Na hora do almoço, apanhei um pequeno galho com folhas de frondosa árvore no canteiro defronte à Faculdade de Direito no Largo de São Francisco e, ao voltar, o depusitei na caixa.

Nesse dia, por volta das dez horas, o Paulo Rubano chegou e logo os colegas, muito efusivos, comentaram sobre o resultado de minha “caçada”, e ele como sempre, bem humorado, brincou e foi dizendo, cuidado com as taturanas!

Ouvindo isso apreensivo resolvi evitar maiores transtornos, e todos os dias à tarde, ao deixar o escritório, cobria a caixa com uma toalha que consegui com o pessoal da faxina.

Passou-se uma semana, e nada, minha borboleta estava ali calma, como sempre. Porém, aproximou-se outro final de semana, agora prolongado devido a um feriado.

Na terça-feira, quando retornei algumas colegas já estavam na ampla sala, mas em um verdadeiro alvoroço e todas de pé, algumas sobre a cadeira, pois havia um sem número de peludas e verde amarelas taturanas circulando no chão e entre as mesas. Não preciso dizer que tive de efetuar uma verdadeira varredura recolhendo os “bichinhos” e inspecionado gavetas, armários e a prancha de desenho dos engenheiros.

Minha querida borboleta havia botado seus ovos e a eclosão foi inevitável. Bem o chefe chegou e logo foi dizendo: Não avisei sobre as taturanas? E a seguir a ordem foi dada: Isto é um ambiente de trabalho, suma com esses animaizinhos daqui!

Foi assim que meu pequeno “borboletário” seria extinto naquele mesmo dia. Mas valeu a experiência e anos depois estava eu no Museu de Zoologia finalmente convivendo com meus pequenos “amiguinhos da natureza”, isso porque me tornei o curador da coleção de Insetos Aquáticos. A vida dá muitas voltas!!!!



**Definição de Madame:** mulher que pela nobreza de sentimentos e pela plenitude que sente em executar tanto tarefas simples como complexas, mantém o mesmo grau de satisfação e alegria em relação a umas e outras.

Hoje, descobri que minha mãe era 'mor' Madame, no melhor e mais justo exemplar do título.

Ganhava seu próprio dinheiro, educava filhos, cozinhava, lavava, passava, lia jornais diariamente (*da Cidade* e a *Folha*), lia romances, assistia a bons filmes, costurava e bordava com perfeição, dentre outras muitas mais coisas.

Enquanto lavava louças percebi num toque, como se levasse um leve tapinha no ombro de "se toque, perceba, constate" é que ela era uma mulher satisfeita, plena, pois se dedicava às coisas simples da casa tão alegremente como quando preparava aulas ou corrigia provas, ou quando falava de política, de Getúlio Vargas, de guerras próximas ou longínquas, dos tempos remotos ou da atualidade.

De repente, nesse toque, senti-me nela e ela em mim, sobrepostas, como duas Amélias do lar. E do mundo.

Eu, a caminho... aqui, agora, eu e ela.



# Medo de ter medo

Evandro Fernandes Da Silva

Me tiraram de circulação  
A prisão se chama casa  
O meu crime é não ter acreditado  
Na fragilidade de ser humano  
Onde a gripe tornou-se mais forte,  
do que um abalo sísmico,  
do que um *tsunami*  
Pararam as mortes por assassinato,  
a circulação do que é ilícito,  
o ódio saiu das páginas dos jornais  
Agora falam em solidariedade, em ajuda humanitária, em descoberta de remédios e da cura  
A guerra, fora a política que sempre andou na contramão, é a de evitar o

contágio; e por ironia do destino,  
sai de cena o beijo, o abraço  
e o aperto de mão.  
No lugar entra a oração, a religião  
via internet; onde se lê de tudo,  
o que o católico, o evangélico,  
o budista e o espírita postam  
Deve ser, porque no fundo; somos  
todos ecumênicos, e acreditamos  
no mesmo Deus  
Penso até que o ateu, nesse momento  
se apegue em alguma crença, para  
afastar de vez a doença  
Se Ele um dia disse: que nem alimento  
deixaria faltar aos passarinhos  
Por que nos preocuparmos?  
Que esse pão, seja o significado da fé  
e da aliança entre os povos,  
e a globalização tenha não o signo  
econômico das *commodities*,  
das ações na bolsa de valores,  
e sim, o brasão estampado trazendo  
um único ❤️ coração.



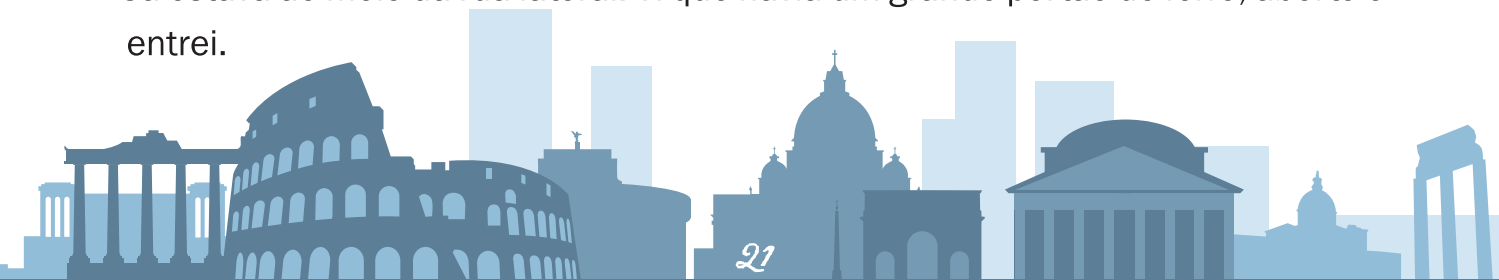
# A UM METRO DE MIM

ROSALIE GALLO

Durante um mês eu deveria andar a pé por um trajeto romano que meu mapa indicava. Isso incluía atravessar a linda *Praça Vittorio Emmanuele* para chegar à *Igreja Santa Maria Maggiore*. Dali, girar à esquerda e alcançar a *Via Urbana* onde se encontrava o estúdio no qual desenvolveria o curso de mosaico. Tudo pertinho do *Coliseu*.

Nos primeiros dias de aula, ainda silenciosa, nada dizia além do necessário. Aos poucos a confiança em falar a língua das Artes foi se instalando e começamos a interagir como cidadãos italianos. A surpresa da professora foi grande quando falei que atravessava a Praça, me deliciava com as imagens que via e as fotografava. Fiquei então sabendo que naqueles idos 2010 a Praça já estava habitada por imigrantes, os extra-comunitários, como eram chamados os ilegais do país.

Nunca havia tido medo até então de atravessar a Praça e aconselhada a não mais fazê-lo, passei a dar a volta por fora da linda Praça para a qual olhava já com saudade. Depois de pouquíssimos dias, entretanto, decidi voltar a passar por ela. Já estava ao meio da rua lateral. Vi que havia um grande portão de ferro, aberto e entrei.



A praça ocupa o espaço de mais de um nosso quarteirão e tem quatro entradas. Passos firmes e olhar confiante, entrei com outro olhar e a reconheci habitada por trastes espalhados no chão onde crianças ainda dormiam talvez de fome. Não hesitei em olhar e muito menos em cumprimentar. “*Buon giorno!*”, “*Buon giorno!*”, dizia olhando nos olhos das pessoas. Não me responderam. Nos dias seguintes continuei a empreitada. Sempre no mesmo horário eu via as mesmas pessoas. Apenas as via e as cumprimentava. Até que uma vez uma criança me sorriu e eu parei. Perguntei em italiano como estava e ela não me respondeu. Tentei em inglês. Nada. Sem conseguir me comunicar por palavras, tentei mais: abri a bolsa, tirei o meu almoço e o ofereci. A linguagem da fome tem mais fluência. A criança sorriu, estendeu a mão onde depusitei a comida. Foi quando o pai se aproximou, falou a ela algo que só entendi quando ela me olhou, falou em sua língua alguma coisa e me tocou a mão em agradecimento, abaixando a cabeça em reverência. Realmente, a linguagem da fome tem fluência mundial.

Todos os dias, até terminar o curso, passei por ali e deixei meu almoço até que no último dia, abanei a mão em despedida depois do beijo jogado no ar sem saber quem eram, como se chamavam, de onde tinham vindo. Trouxe para sempre em minha vida, o hábito de cumprimentar todas as pessoas com quem cruzo.

Hoje, passados dez anos, o *Coronavírus* me fez lembrar deste fato.

Naquela época eu quebrei a barreira do metro que me distanciava do outro sem medo de qualquer contágio, por pura fraternidade, e sinto que fiz a coisa



certa porque hoje, com desejo enorme de poder abraçar meus familiares e amigos, não posso fazê-lo. A idade, a recuperação de um mal que me acometeu há meses e as instruções de segurança e proteção contra este invisível vírus me impedem de fazê-lo.

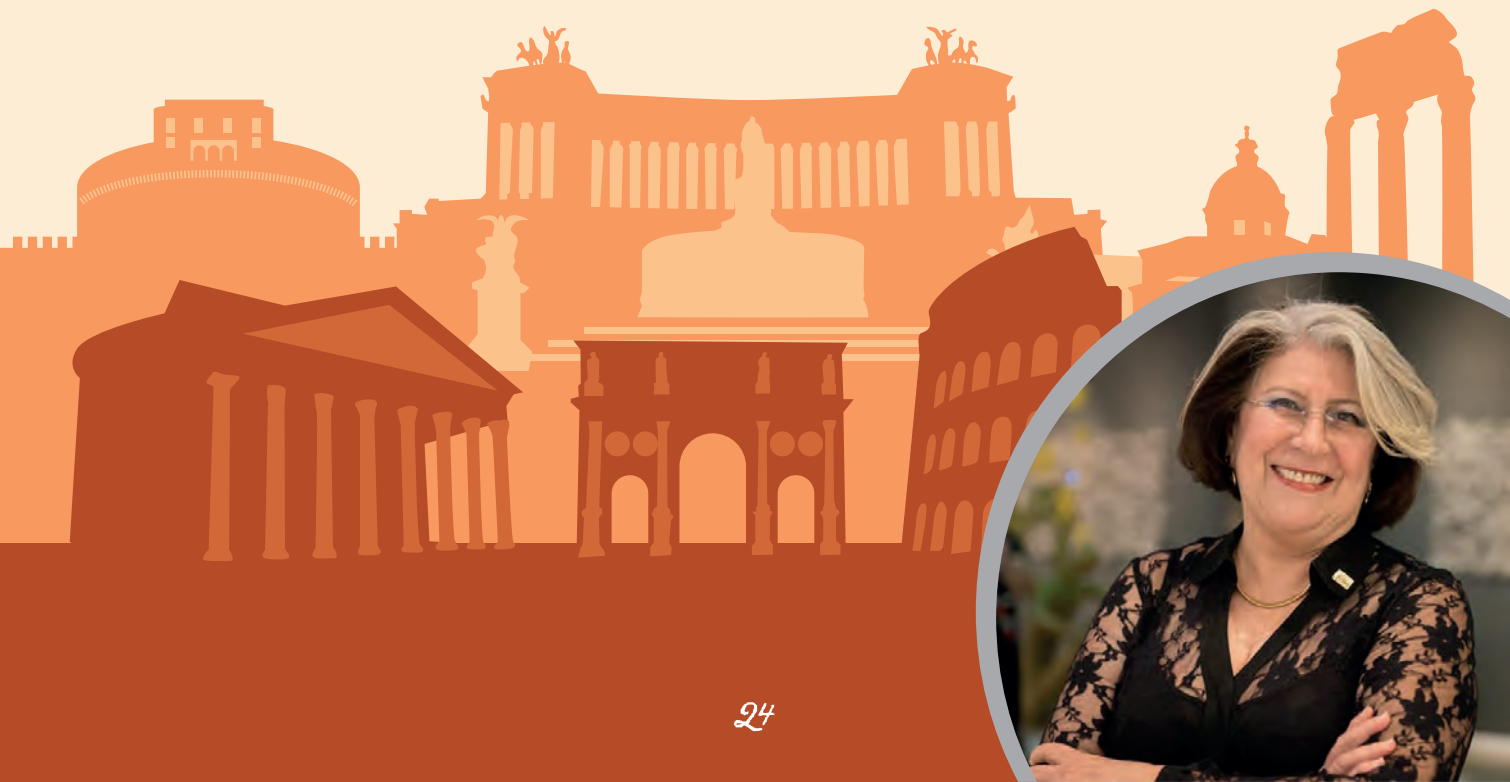
No mundo todo o medo do contato se instalou para que nós, pequenos habitantes deste pequeno planeta, nos apercebamos de quanto é importante o afeto demonstrado. Hoje nos demos conta de que nos faz falta falar por gestos, que faz muita falta tocar o braço do companheiro de viagem desta vida tão complicada. Trouxe-nos, esta fase de crise por causa do *Coronavírus*, a volta de olhares perdidos como o de apreciar o céu, estar à janela e descobrir que há vizinhos muito próximos, tão próximos e tão distantes... Pudemos descobrir que na família a que estamos confinados é possível se sentar no chão e brincar com os filhos e netos. E se não os temos, que é delicioso tomar um café abraçado ao seu amor, mesmo em silêncio.

Estamos reaprendendo a amar, na verdade. Estamos redescobrimdo quanto mede um metro de distância para sabermos apreciar o calor do abraço. Estamos administrando nosso espaço para respeitar o espaço alheio. Estamos, principalmente, aprendendo a ter paciência para que chegue este abraço de vitória. A vitória de cada um de nós que sabe o que faz a distância e ajuda a reconhecer o laço que une cada uma de nós, filhos do mesmo Criador.



Roma passou a ter para mim um valor acima do histórico. Da beleza que as ruínas ainda possam demonstrar. Da emoção de sentir o solo brasileiro em plena *Piazza Navona*. De passear por perto do *Coliseu* e me demorar a tentar compreender as imagens do *Arco de Adriano*. De passear de barco em *Vila Borghese*. De apreciar as tantas fontes. De me extasiar diante do *Altar da Pátria*. Da alegria em ouvir tantas línguas, enquanto se anda a pé pelo centro histórico. De desejar, ao jogar uma moeda na *Fontana di Trevi*, reencontrar aquelas pessoas da *Praça Vittorio Emmanuele* que transformaram minha vida. De entrar em um metrô ou em um ônibus e receber o sorriso de um estranho a me dizer com os olhos:

**“Bem vinda ao meu mundo, minha irmã! Eu te esperava!”...**





# MEU CORAÇÃO É ITALIANO

MÁRCIO MARTELLI

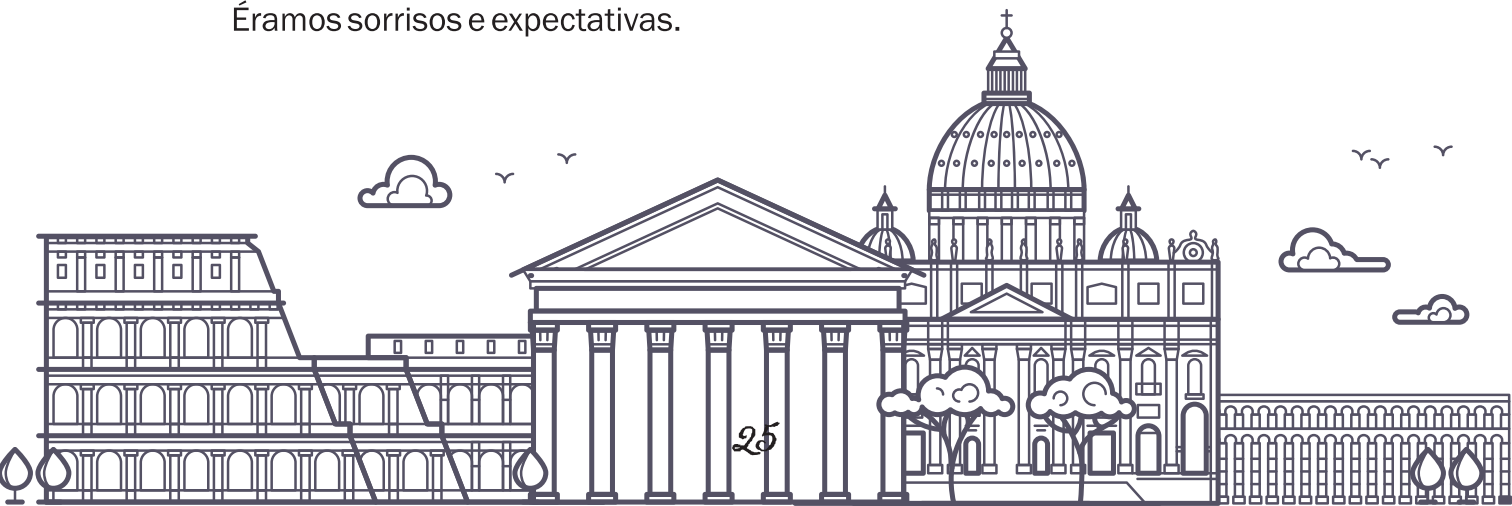
Dia de Natal. Roma. Saímos do apartamento por volta das dez da manhã. Tínhamos em mente que o nosso compromisso era somente às 14 horas. Íamos assistir a bênção do Papa Francisco e, se tivermos muita, mas muita sorte, poderemos ver ele bem de perto.

Era o que sonhávamos – sonhar não custa nada.

Sheila tinha até um e-mail oficial enviado do Vaticano que informava o local e o horário em que o Papa apareceria. Então fizemos tudo bem planejado e calmamente. Estávamos tão perto do Vaticano, bastava atravessar o *Rio Tevere* e andar umas poucas quadras e *voilà!*

Andávamos e posávamos para fotos e mais fotos. O contraste de cores das nossas roupas se misturava ao colorido da cidade em suas lojas, cafés, supermercados e bares. Roma pulsava alegria mesmo em meio ao frio de dezembro.

Éramos sorrisos e expectativas.



– Vamos almoçar em *Trastevere*??? – ela sugeriu.

– Boa ideia, assim tiramos esse lugar da nossa mente e quando perguntarem pela milésima vez se fomos a *Trastevere*, postaremos um milhão de fotos. Que *cazzo* é *Trastevere*? – eu me perguntava.

Atravessamos o *Tevere*. Ao alcance do nosso olhar uma multidão vinha em direção contrária, ou seja, voltavam de algum lugar. De onde eles vêm? Perguntávamo-nos mentalmente. Nenhum dos dois ousava falar em voz alta. Até que...

– Sheila, eu acho que eles vêm do *Vaticano*.

– Que será que teve lá? A bênção é somente a tarde – comentou.

– Vamos perguntar – sugeri.

E no meu italiano macarrônico perguntei para uma das pessoas que estava voltando e a resposta foi o que mais temíamos.

– Venho da bênção do Papa Francisco!!!

“Que porra é essa!!!?” Com certeza foi o nosso pensamento, mas não ousamos falar ali num local tão sagrado.

Sheila, emputecida, pegou o e-mail e só não o picou porque era digital e estava em seu celular. Eu, já queria esganar o Chiquinho, afinal, que falta de consideração para com a gente. Como podia ter mudado o horário sem avisar? Falávamos e ríamos... é não foi dessa vez.



Mas lembramos da *Missa do Galo* da madrugada anterior e como foi tudo lindo. Lembramos do quanto andamos nessa cidade e dos nossos cálculos – tudo estava a um raio de 2 km da gente. Ou seja, fazíamos tudo a pé.

Foi quando falei:

- Quer saber, vamos a *Trastevere* agora!!!
- Mas a gente não ia para almoçar?
- Sheila – eu disse – você sabe onde ficar esse local?
- Não!
- Nem eu! Até chegarmos lá vai estar na hora do almoço.

E lá seguimos nós ao *Lungotevere*.

Num dado momento a paisagem mudou um pouco; ruas e becos diferentes. Tudo tipicamente italiano – claro né, estávamos na Itália –, mas sabe aquele italiano típico que a gente sempre imaginou, das cantigas como *Sapore di Sale* e *Champagne*. E, claro, cantávamos e ríamos ao nosso modo. *Io che no vivo senza te*.

Fazíamos piadas que somente nós entendíamos e a tal *spremuta* sequer fazia parte de nossas vidas – isso aconteceria dias depois, em Nápoles.

Os restaurantes. A *porpetta*. A *pasta*. O vinho. *Trastevere* era cores e sabores. Um bairro onde nossos paladares se aguçaram e onde comemoramos o Natal em grande



estilo. Ao nosso estilo. Sem luxo, sem grandes festas. Somente a companhia um do outro a lembrar outros natais de um tempo há muito esquecido na memória.

Deliciamo-nos.

Esquecemos até do Chiquinho.

Ano que vem estaremos de volta. Soube até que ele pessoalmente abençoa casamentos. Se a Sheila não fosse minha irmã... quem sabe???

Hoje observo Roma pelas redes sociais. Penso nas suas *piazzas* e em nossos passeios a céu aberto. Penso na *bruschetta* mais cara do mundo. Penso em minha mãe. Em minha outra irmã. Penso em coisas que me trazem saudade. Em tomar *gelato* na *Fontana di Trevi*. Sentir o aroma do *Campo dei Fiori*. Caminhar pelo *Forum Romano* e sonhar com o mundo dos contos de fada da *Vila Borghese*.

Sinto o gosto do panetone e dos cafés de Roma, onde degustar um café em pé tem um custo e tomar o mesmo café sentado tem outro – mais caro! E a gente ri. Ri com a falta de educação e a gritaria – e acha lindo! Se encanta – porque o povo italiano é muito sedutor e não tem como ficar bravo com ele.

Enfim, acho que Roma é mesmo e sempre será a *Cidade Eterna*. E nossos corações nunca mais sairão desta cidade. *Ciao, amore, ciao*.



# No verso de mim

*Mara Lúcia Biancardi*

Estou em uma bolha  
Não tenho aonde ir  
Querem que o mundo exploda  
Vou ficar bem aqui

Daqui mergulho em mim  
Hora de conhecer  
O que está neste ser  
Provocador sem fim


Sem haver muita escolha  
Pode até parecer  
Fugaz estar na bolha  
Não; é seu próprio SER



# Caia

José Felício Ribeiro De Cezare

**Do caos, calor calcinante  
Das trevas e luzes extasiantes  
A expansão do ponto ao centro  
A grande viajante errante  
Inicia seu caminho sem volta  
Evoluindo do apogeu ao perigeu  
Quente e frio  
Andrômeda, Plêiades, Órion a te protegerem  
As constelações te iluminam  
O sol te aquece  
Sua terna companheira  
Mantém o eixo firme  
Ilustra suas noites  
Ama suas águas  
Compartilha suas intempéries  
Tiamate se foi, agora segue resoluta  
Seus irmãos a acompanham  
Cada qual na sua consciência  
Hoje ela sofre, já sorriu, já mudou  
Hoje se renova, cresce, se cura  
Tem nessa vida, um longo caminho  
Iluminará outros muito em breve  
Mas, ainda tem o que aprender  
Aprende, no amor e na dor  
Crescendo como ser, espírito, alma**



**Hoje se cura, hoje nos curamos  
Seguimos o mesmo caminho  
Do caos e trevas, à luz  
Da luz às trevas  
A dor passará, o aprendizado  
Permanecerá, na mente  
No corpo e na alma  
Dela e nossa  
Um só corpo  
Uma só mente  
Uma só alma  
Vagando entre luzes e cores  
Pulsares e quasares  
Éter e distâncias  
Confinamento eterno  
Nas distantes galáxias  
Do infinito universo  
Dos ponderados multiversos  
Escapando por entre esses versos**



# Haicai

Sossego tão alvo  
Nos olhos um céu de anil  
Quarto exala a paz

Renata Iacovino



# Léo

Renata Iacovino

Seu nome é Léo  
Patas grandes  
Longos pêlos  
Olha nos olhos  
E sai correndo  
Juba de leão  
Rabo de esquilo  
Pode ser de gambá  
Divide-se entre  
O medo e o charme  
Quer atenção  
Corre de lá pra cá  
Cavoca o colchão  
Arranha o tapete  
E gosta de conversar  
Essa é Léo  
Meus olhos de mel





# Haicaos

A bolha de pus  
Doente e infeccionada  
Deu boom, supurou

Mara LÍgia Biancardi





# Haicaos

O vírus chegou  
criou uma turbulência  
coração desperto

Mara LÍgia Biancardi



# *Por causa de um cisne em Veneza*

Rosalie Gallo

Contava meu pai que seu pai lhe contara uma história muito intrigante sobre seu pai. E por ser assim, talvez não seja exatamente essa a versão mais próxima da realidade daquela época. De qualquer modo, vou contar o que sei.

Um garboso cisne muito branco ousou passear muito cedo, antes de as luzes dos lâmpões e a luz da autora se misturarem, pelos canais de Veneza.

Primeiro, pelo canal maior, esse cisne deslizou qual barco a vela, ao sabor dos ventos marítimos que entravam na cidade. Passou passando devagar, admirando os prédios e palácios, palacetes e igrejas, indo de um lado a outro do canal para se avizinhar das belezas que pretendia contar à sua prole, quando voltasse.



Depois, chegado muito longe de onde havia começado sua incursão, resolveu se enveredar por canais mais estreitos. Foi quando se deliciou com o barulho e os cheiros da manhã: café, brioche, pão saindo do forno, portas rangendo ao abrir quase ao nível da água, roupas cantando no varal das janelas pela passagem do vento travesso, crianças chorando porque não queriam sair da cama naquele frio, mulheres e homens mal humorados para enfrentarem o novo dia de trabalho e grande esforço, idosos saindo lentamente da letargia da idade e saudando-se uns aos outros como adolescentes que esperam pelo mais tempo de viver.

Os canais, interligados, levaram o cisne branquinho a lugares que ele jamais crera existirem. E maravilhado com a descoberta, não se apercebeu da hora, perdeu-a, perdeu-se.

Um grupo de crianças passava. Inocentemente estranharam o cisne naquele canal estreito e começaram a insultá-lo para que voltasse ao canal grande. Ali, com certeza, ele acharia o caminho de volta para seu *habitat*. E tanto fizeram que o cisne chegou de novo ao canal. Eram tantos os barcos, as gôndolas, as vozes, os barulhos que o cisne tentou voar para escapar ao tumulto mas não conseguiu. Atingido no peito, caiu semimorto na água onde, em seguida, lhe passa por cima um barco.

Naquele dia e nos dias seguintes a família do cisne aguardou que ele voltasse com histórias e aventuras vividas, mas ele não voltou.

A cisne mãe e os cisnes filhos tiveram que aprender a viver sem o pai, como os filhotes que viviam no galho vizinho da laguna precisaram aprender a viver sem a mãe e o pai. Outras famílias de cisnes tiveram que se reorganizar por conta da vontade de ganhar o mundo.

Meu pai me contava essa história com lágrimas nos olhos escuros.

Durante séculos os cisnes não frequentaram Veneza e os poucos que tiveram coragem de se arriscar perderam suas vidas.

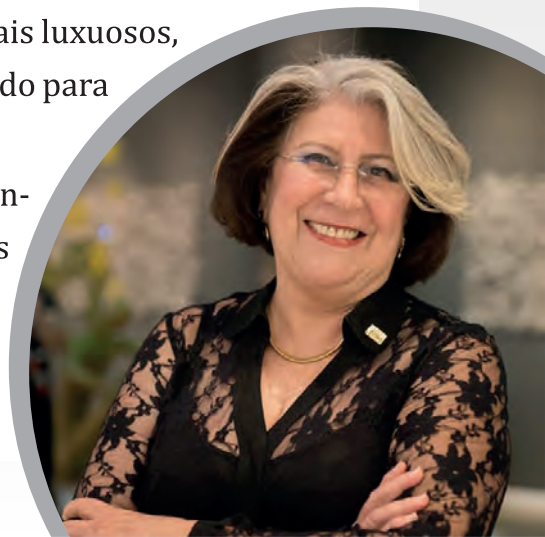
Hoje, provocadas por um surto de um vírus com nome real, as pessoas voltaram a ficar em casa. E eu, da linhagem do cisne garboso do início desta história, sem me preocupar com as lágrimas nos



olhos de meus pais, resolvi visitar Veneza. Passei pelos canais límpidos cujo fundo se vê! Deliciei-me com os cheiros e os odores que me chegam das casas cujas janelas estão sempre abertas. Descubri o cheiro específico do pão e do café. Ouvi choros, risos e gritos variados. Andei por lugares dos quais meus olhos e minhas narinas guardarão recordações vívidas e serão passadas aos outros. Porque eu voltei para contar como Veneza é linda!

Palácios, palacetes, hotéis dos mais simples aos mais luxuosos, igrejas e museus, a água clara batendo às portas e pedindo para a vida entrar.

Voltei para contar sobretudo que as pessoas aprenderam que os canais são mais lindos se neles estamos nós, a pureza da água e os cisnes, os peixes, os golfinhos e a Vida Maior, está ensinada pelo vírus que fez de novo a família se reencontrar na sala de jantar.





# *Eterna Veneza*

**Márcio Martelli**

Mergulhar da Ponte dos Suspiros  
nadar nos canais de Veneza  
sonhar rumo ao Adriático mar  
terras tão distantes e arte milenar

Céu celeste repleto de diamantes  
nuvens e estrelas ao entardecer – esplendor  
O Palazzo Ducale fulgura majestoso  
unido aos infinitos suspiros de dor

Tempo de despedida imediata  
e, em contrapartida, sonhos de amor  
a natureza vibrando infinita  
refestelando a vida com sua cor

Vida se refazendo aos poucos  
rotina ainda longe de retornar  
que será dessa vida e outra?  
maneiras novas para se reinventar

Teremos costumes modificados  
entenderemos a importância do SER  
viveremos lado a lado unidos  
perdoando a todos sem sentir falta do TER.



# Cantiga para um novo tempo

Josyanne Rita de Arruda Franco

Há um amor lá fora, há um amor ali, chamando na esquina do tempo com sua voz cariciosa dizendo que passou da hora de colher a rosa e cultivar o jardim.

Há uma voz que canta e é uma voz de criança... Senhora dona Sancha coberta de ouro e prata, descubra seu rosto que nós queremos ver. Quem é que está no centro da roda, e quem dá as mãos e gira o círculo? Quem é o cravo... Quem é a rosa... aquela que perfumou o texto ali na linha de cima antes de desaparecer?

Aí eu entrei na roda para ver como se dança... na roda permaneci com a ingenuidade da infância e de muita coisa descuidei. Deixei as matas arderem incêndios terríveis e o mar, encharcado de piche, foi aviso que desprezei. Animais fugiram do fogo e do ninho, voando entre labaredas, atalhos de morte sem lei levaram os passarinhos. Barragens lavaram os sonhos e sufocaram projetos, esquecendo vidas ao explicar a morte... foi coisa que nem me atentei.

Por Deus! Até o filme que ganhou o Oscar em 2020 se chama *Parasita*. Seria um sinal para deixarmos de consumir o mundo? Sim, porque o circuito se rompeu. Fui à Espanha buscar o meu chapéu e trouxe o medo de voar naquele céu. Tragédia, loucura, abandono. Adeus sem o calor do trono de reis espanhóis e romanos enfeitando praças e museus com pose de heróis.

E a roda girando e nós ainda atirando o pau no gato. Coitado, não sabe de nada, é indefeso, é parte da natureza... Corremos o risco de irmos ao Itororó beber água e não acharmos.

Insones e de mãos erguidas, hoje pedimos todos à providência divina que nos mostre a face do mal para que possamos nos curar. Mas não há mãos unidas na convivência dos homens, nem abraço apertado, nem beijos cheios de calor e alegria. Nem voz de criança colorindo o dia e cantando, despreocupada, velhas cantigas de roda... no *smartphone* é seu lugar. Rostos serenos já não sorriem, preocupados com o dar de ombros que magoa a quem se importa. O cenho assinala rugas e muitos estão mascarados e com o rosto machucado na brincadeira obscura. Ar para quem, na viagem ao infinito? Astronautas sem nave espacial trafegam autômatos com gravidade terrena entre leitos de hospital.

Um vírus ataca em todas as frentes, surgiu de um meio ambiente arrasado, esquecido, doente, o desequilíbrio a reinar. Está em todos os continentes, é cruel, descobre rostos anônimos e torna cada vítima sua uma notícia nas ruas virtuais antes ávidas por celebridades.

Quem quer ter o desgosto de encontrá-lo para saber como ele é? Eu não. Não vou lá, não vou lá, não vou lá, tenho medo de apanhar. Prefiro ficar no meu confinamento recomendado e voluntário, lembrando-me da vida feliz e de como eu posso ajudar. E se tem gente que não acredita na praga do vírus que parasita e inflama organismos, é bom saber que não é hora de contendanças... nas lendas, guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá.

Ainda existe uma chance de deixar a besta presa. Vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar? Fiquem na cozinha fazendo chocolate para a madrinha... Ou façam



um bolo de laranja. Da laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço, da morena mais bonita quero um beijo e um abraço. Entenderam, né? A vida precisa seguir com saúde para nós melhorarmos o mundo. Então vamos cuidar um do outro com carinho? Hoje senti saudade da infância e escrevi este texto para me lembrar do valor e singeleza do mais precioso tesouro: a vida. Como poderei viver, como poderei viver sem a tua, sem a tua sem a tua companhia? A canoa virou, mas juntos nós podemos desvirar. Vamos maninha, vamos... Nessa viagem Nossa Senhora está dentro... Os anjinhos a remar... Rema... Rema, remador que este barco é do Senhor.





## Diga

José Felício Ribeiro De Cezare

Da minha janela, o céu é azul  
Na minha visão, o mundo é belo  
Mas, não existe só minha janela  
Não existe só minha visão  
A cor do céu é igual na favela?  
Mundo é bom para quem dorme no chão?



# Vale

O mundo não acabou  
Mas parou, se apagou  
Muitos perderam seu mundo  
A dor e saudade se equilibram  
E com isso, o tempo se esvai  
Porém, não se acaba, permanece  
Nas suas impermanências, impermanece  
No seu espaço, no seu mundo  
Tudo vai melhorar  
Confio, bem lá no fundo  
Tudo voltará às mazelas cotidianas  
Já conhecidas e mantidas  
Pelo bem de poucos  
E sofrer de muitos  
Dessa vez, talvez seja diferente  
As pessoas se percebem como gente  
A união agora é distância  
Lembramo-nos da nossa velha infância  
Das brincadeiras que nos atraí  
Talvez tenha razão Mordecai  
Que a vida vale mais  
Do que simples vis metais

José Felício Ribeiro De Cezare



# Samba pra Renata

Minha cara amiga eu preciso poetizar  
E te contar todas as novidades  
Ando escrevendo textos sem parar  
E fiz esse para matar a saudade

Essa história de vírus é uma calamidade  
Me faz produzir com ideias a milhão  
Deixa-me louco com tamanha ansiedade  
E faço poesia como se fosse samba-canção

Tive a ideia de escrever para você  
Não sei se vai gostar nem se sentir grata  
Mas o fato é que para espantar esse fuzuê  
Escrevi esse samba pra Renata

Aqui tem gente perambulando sem parar  
Andando para baixo e para cima  
É um absurdo com esse vírus não pensar  
Em se resguardar e pensar nesse cataclisma

Vamos fazer uma poesia manifesto  
Colocando para fora a nossa inspiração  
Sei que vai me responder, aguardo o texto  
Bem criativo sem ter provocação



**Márcio Martelli**





# Não me engana, esse samba é para Ana

Márcio Martelli

Minha amiga tá na hora de pintarmos  
O panorama triste dessas horas  
Mas não é para desapontarmos  
Tudo vai passar, incomoda essa demora

Aqui em casa penso nos livros meus e seus  
Nos longos papos que tivemos e sonhamos  
A amiga Josy que tão bem nos recebeu  
Nossos eventos e nos longos planos

Acho que agora é para pensarmos ainda mais  
Unir as artes e mais pessoas agregar  
Mesmo que a situação esteja preta demais  
Vamos colorir com poesia e semear

Hoje temos um grupo para filosofar  
Tem a Renata com seu canto sem igual  
Tem o Felício e a Mara para ensinar  
Mais a Josy e eu que adoramos Portugal

Minha cara artista Ana  
Os sonhos nunca vão envelhecer  
Cada ideia se tornará uma coisa bem bacana  
Para que no final, todos possam nos conhecer

E tudo vai valer a pena!!!

# Samba pra Rosalie

Minha amiga vou contar o que me deu na veneta  
Sobre que está acontecendo e nem dá para acreditar  
Um surto aterroriza todo o nosso planeta  
E põe todos nós, em prantos, a comungar

Aqui em Jund o calor está um furor  
Acredito que em São José o clima esteja igual  
Então vamos combater esse Corona sem temor  
Dizem que o calor extingue esse mal

O mundo chora e as imagens nos comovem  
Ver nossos irmãos italianos infectados  
Agora não adianta que nos cobrem  
O importante é passar esse recado

Não saia de casa e ore ao Senhor  
Que num dado momento tudo vai passar  
Sairemos todos desse imenso estupor  
Com o espírito renovado e a alma a cantar

Porém, saibamos que temos de agradecer  
Por ter conseguido enfrentar e vencer esse instante  
O espírito do Criador está sempre a nos proteger  
E quem não teme saberá ser resiliente



Márcio Martelli

